

Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A terra e a memória por Anna Mariano

Murmúrios da terra (Globo Livros, 416 páginas, R$ 50,80), romance, é a obra mais recente da consagrada e multipremiada escritora Anna Mariano, que escreveu *Olhos de Cadela* (poesia, 2006) , *Apenas por Nós Choramos* (poesia, 2019) e os romances *Atado de Ervas* (2011) e *Pra Amanhecer Ontem* (2017). Anna venceu prêmios importantes como o Açorianos, o da Academia Rio-Grandense de Letras , o da Associação Gaúcha de Escritores e há poucos dias o prestigiado Prêmio Jacarandá do jornal Correio do Povo, por *Murmúrios da terra*, merecedor do troféu Livro do Ano.

Em *Murmúrios da terra*, Anna Mariano aborda um capítulo desconhecido e importantíssimo da história brasileira: a migração de agricultores gaúchos em direção ao Centro-Oeste e ao Norte, que buscavam terras, oportunidades e um futuro melhor. Com base em consistente pesquisa histórica e utilizando, principalmente, vozes femininas cheias de potência, a autora apresenta a trajetória de pessoas e famílias para revelar as transformações que ultrapassam as fronteiras gaúchas. O Rio Grande do Sul é origem, memória e identidade, mas a narrativa avança para um Brasil mais amplo, marcado pelas migrações, transformações econômicas e encontros culturais.

Com personagens reais (como as densas Palmira e Cecília) e outros fictícios, e utilizando variados enquadramentos históricos, Anna narra quarenta anos da história de duas famílias, compostas por pessoas determinadas, corajosas. Foram quatro décadas que mudaram os rumos do Brasil.

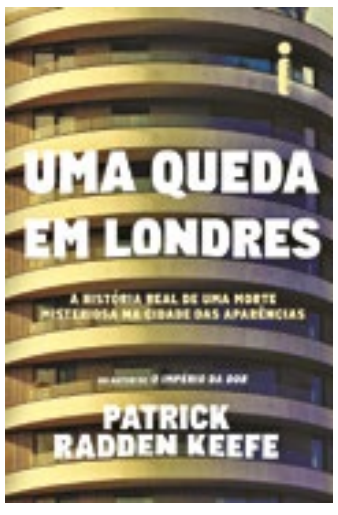
Anna Mariano, que já demonstrara sensibilidade poética em seus livros anteriores, enfrentou em *Murmúrios da terra* uma matéria narrativa de maior amplitude histórica e social. A mudança de cenários dos gaúchos migrantes foi grande. Historicamente associado ao



pampa e às estâncias, aparecem agora como personagens de uma transformação econômica e territorial que ajudou a redesenhar o País.

Como disse o premiado e experiente jornalista Geraldo Hasse, não há romance como este no panorama literário brasileiro. Deve ser saudado o romanção de Anna Mariano.

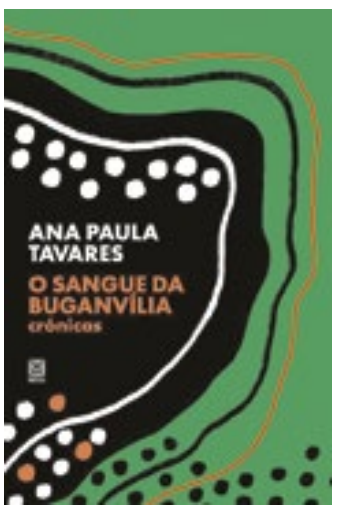
Lançamentos



› **Uma queda em Londres** (Intrínseca, 368 pág, R$ 62,90), de Patrick Radden Keefe, jornalista, colaborador da New Yorker, escritor e roteirista, *best-seller* instantâneo do New York Times, é considerado um dos melhores livos de não-ficção dos últimos anos. Traz a história real de uma morte misteriosa em Londres, e a partir dela investiga primorosamente o submundo sórdido da cidade das aparências, movida a dinheiro.



› **Mana , me ajuda !** (L&PM Editores, 160 pág, R$ 64,90), de Fernanda Pandolfi, jornalista, escritora , fundadora do Clube do Livro FêPandolfi e autora do livro *Quem é a estrada?*, traz uma narrativa pungente sobre alcoolismo e saúde mental a partir do olhar de uma irmã sobre o adolescente Mateus. Memória e ficção surgem bem entrelaçadas. O volume conta com apresentação da jornalista e escritora Cláudia Laitano.



› **O sangue da Buganvília** (Pallas Editora, 230 pág, R$ 52,00), da angolana Ana Paula Tavares (Prêmio Camões, 2025) traz crônicas sobre a guerra civil angolana, o trabalho com o barro, a escolha da melhor farinha para o funge, memórias de família e das lendas que alimentaram seus antepassados. "A metáfora da buganvília amarra os textos como um arbusto retorcido que floresce com futuras cores vibrantes ", disse o escritor Ondjaki na apresentação.

e palavras...

O CENTRO, A RUA DA PRAIA, O FUTURO

Dentro da nossa ficcionalidade porto-alegrense, a gente sabe que nosso Centro não é o centro da cidade, é uma ponta. Lá do Pontal o *skyline* a partir da Ponta do Gasômetro parece Manhattan, guardadas as pequenas proporções e as bebidas ingeridas no terraço do Hilton. Nas antigas águas imaginárias da Rua da Praia, que ficava na beira do Guaiba - do Gasômetro até a General Câmara - navegam os elegantes fantasmas dos que faziam o elegante *footing*, iam comprar joias na Masson, roupas finas no Kirk, bombons na Koppenhagen, artigos para a casa no Bromberg e comprar a Folha da Tarde da Maria Chorona, jornaleira icônica, com voz parecida com a da Clementina de Jesus.

O saudoso jornalista Carlos Reverbel disse que a Rua da Praia estava enterrada no belo livro do Nilo Ruschel, que tem na capa os famosos paralelepídedos coloridos da rua que durante décadas movimentou pessoas, romances, amizades, dinheiro, negócios, modas, personagens como Marimba, Terezinha Morango, Camelinho, Bataclã, Medonho da loteria, Mario Quintana, Erico Veríssimo, Gilda Marinho e tantos outros que vivem na nossa memória, enquanto a maior parte da Andradas vai ficando vazia, especialmente de noite e nos fins de semana.

Entre a João Manoel e a Caldas Junior surgiu um *point* que dá vida para a rua da Praia e faz acreditar no futuro da artéria que pulsava no coração dessa nossa açoriana tímida, Porto Alegre que tenta voltar a ser a "cidade sorriso", nessa época carrancuda, mal-humorada e polarizada barbaridade.

Nos últimos anos, a Prefeitura fez algumas obras de revitalização no Centro e a limpeza melhorou. O movimento nas lojas e restaurantes do Mercado Público dá um ânimo para os porto-alegrenses, especialmente depois da pandemia e da terrível oitava enchente que a cidade sofreu. As novas ocupações no Viaduto da Borges e a movimentação de jovens no entorno são positivas e vamos torcer para que não sejam transitórias.

Os esforços de particulares, da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal para termos mais prédios novos residenciais e adaptações de imóveis comerciais antigos para residenciais no Centro nos dão esperança de ver o centro novamente mais habitado, vivo e importante . Somente com mais moradores no centro teremos dias, noites e fins de semana mais produtivos, e seguros em um centro que merece a nossa atenção.

A criação do cais Embarcadero mostra-se vitoriosa e , na esteira desse fato espera-se que um dia os planos e as obras do novo cais Mauá desencalhem de uma vez por todas e que a cidade ganhe de volta o porto vivo de algumas décadas atrás. Exemplos de outras cidades como Buenos Aires, Montevidéo e Belém mostram como é possível revitalizar a área e devolver aos porto-alegrenses um espaço que fez parte da cidade por muito tempo, marcando a memória histórica e afetiva de um espaço que não pode ser deixado de lado.

Nosso porto não pode se tornar mais uma ficção porto-alegrense e apenas imagens de memórias.

A propósito

A esquina democrática e o Largo Glênio Peres são espaços vitais para as manifestações livres, pacíficas e necessárias da população, mas não podem e não devem se limitar a isso. A Prefeitura Municipal tem dado atenção ao Centro, especialmente com o programa Centro+ e outras ações. O esqueletão da Otávio Rocha veio abaixo, o Mercado Público vem sendo revitalizado e quem sabe, um dia, não iremos precisar daquele Muro da Mauá nos separando do Guaiba.

No futuro quem sabe teremos novos prédios, prédios antigos adaptados para moradia, milhares de moradores no Centro e menos placas tristes de vende-se e aluga-se.
(Jaime Cimenti)